

Centenário da *Revista Feminina* (1915-1936): reflexões sobre seu percurso

The Revista Feminina (1915-1936) centenary: reflections about its journey

JULIANA CRISTINA BONILHA

Universidade Nova de Lisboa



Resumo: A ideia estritamente documental dos periódicos tem sido desconstruída por diversos estudos que corroboram sua relevância para os estudos de um modo geral, interdisciplinares. História, Jornalismo e Literatura são áreas que tem se beneficiado através das (re)descobertas oriundas de jornais e revistas arquivadas nos diversos acervos espalhados pelo mundo. Nessa perspectiva, considerando não só a questão da longa permanência na imprensa, mas também a essência de seus textos e seu contexto, e sua relevância na imprensa de sua época, seleciona-se a *Revista Feminina*, editada na capital paulista de 1915 a 1936, para ser alvo de um olhar pormenorizado. Especificamente para esse estudo, procura-se demonstrar a relevância desse manual para a mulher do século XX que, idealizado e dirigido por uma poderosa senhora, D. Virgínia de Souza Salles, comemora neste ano, seu centenário de criação.

Palavras-chave: centenário; Século XX; periódicos literários; mulher e literatura.

Abstract: The idea of journals being strictly documental has been deconstructed by several studies that corroborate its relevance for studies in general, interdisciplinary. History, Journalism and Literature are some of the areas that have benefited from the (re) discoveries coming from newspapers and magazines stored in various collections around the world. From this perspective, considering not only the issue of long stay in the press, but also the essence of these texts and their context and relevance in the press of these days, “*Revista Feminina*”, published in São Paulo from 1915 to 1936, was the selected the journal to be the subject of a detailed study. Specifically for this article, we seek to demonstrate the relevance of this literary manual for the woman of the twentieth century, conceived and directed by a powerful lady, D. Virgínia de Souza Salles, which celebrates this year its centenary creation.

Keywords: centenary, 20th century; literary magazines; women and literature.

Introdução

Nas últimas décadas, os periódicos que antes eram considerados apenas documentos ou registros históricos têm sido abordados em diferentes contextos para pesquisas interdisciplinares. Considerando-se sua capacidade de sintetizar informações por vezes históricas, mas também literárias, pode-se dizer que essas fontes trazem colaborações que, ora corroboram suposições, ora propiciam deleite através de descobertas encontradas apenas ao se manusear suas páginas ou ao percorrer calmamente os rolos de microfílmes cuidadosamente arquivados nas bibliotecas do mundo todo.

Quando esses periódicos funcionam como fontes para estudos literários, podem, por vezes, reestabelecer novos diálogos com o cânone. Isso porque ao se adentrar

ao mundo histórico-jornalístico, podem ser recuperados centenas ou milhares de dados jamais explorados com cautela pela historiografia literária.

Além de possibilitar releituras de autores e textos já consagrados, o contato com um periódico pode apresentar e revelar sonetos, contos, crônicas e muitos outros tipos de textos, fato que os confere um papel de protagonismo, e não de mero suporte documental, principalmente quando se fala em Literatura.

Considerando tal fato, e pensando-se, sobretudo, nos textos literários veiculados na imprensa principalmente no século XIX e XX, em um momento considerado no Brasil de “aperfeiçoamento” ou de “especialização” dessa mídia, como ilustra Juarez Bahia, em seus ensaios, e Tania Regina de Lucca, em sua *História da Imprensa no Brasil*, analisar-se-á a *Revista Feminina*, criada pela



família Salles em 1915 e publicada até 1936; como forma de demonstrar que esse foi um instrumento de poder de instrução para a mulher do século XX.

A escolha do periódico obedece primeiramente a um critério de afinidade temática com o objeto de estudo. O contato com sua coleção tem como intenção tem como escopo perceber e conhecer de modo mais específico a literatura e possivelmente trazer contribuições à área.

1 Do desenvolvimento da imprensa à família brasileira do século XX: percursos

Quando se fala na imprensa brasileira, deve-se pensar, primeiramente na questão de seu desenvolvimento tardio quando comparado a outras partes do mundo. Segundo Marco Morel, no ensaio intitulado *Os primeiros passos da palavra impressa*, na *História da Imprensa no Brasil*,

Em relação à Europa ou mesmo às outras partes das Américas, os papéis impressos feitos no Brasil surgiram mais tarde. Enquanto no continente europeu já existiam tipografias desde meados do século XV, nas Américas a atividade impressora (embora escassa) surge no século XVI, décadas após a chegada dos europeus. A imprensa periódica propriamente nasce no século XVII no chamado Velho Mundo e somente no século seguinte surge nas Américas inglesa e espanhola. Eram, ainda assim, iniciativas com defasagens em relação à Europa, sob vigilância e repressão das autoridades e aparecendo de forma esparsa. Nesse sentido, a experiência brasileira não foi destoante na América, embora só tenha surgido de forma sistemática a partir de 1808, com a chegada da Corte portuguesa e a instalação da tipografia da Imprensa Régia (LUCA, 2008, p. 24).

Conforme o trecho, é apenas após a ida da Corte portuguesa para o Brasil que o país concretiza um sistema de mídia impressa.

Nelson Werneck Sodré explica que é apenas a passagem do século, no Brasil, que “assinala a transição da pequena a grande imprensa” (1999, p. 288). Este é um período marcado pela estruturação da imprensa, que passa a ter melhores possibilidades, devido ao surgimento de maquinário específico, ou seja, acesso a meios tecnológicos que permitem uma maior facilidade tanto na elaboração dos periódicos quanto em sua impressão.

Para Sodré, o início do século XX marca uma transição entre jornais “artesanais” para “empresas jornalísticas” e isto está intimamente relacionado às condições econômicas e políticas pelas quais passava o Brasil. O autor explica que “Pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas

de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função” (SODRÉ, 1999, p. 288).

Tania Regina de Luca, que em *História da Imprensa no Brasil*, também utiliza a expressão “A grande imprensa” para designar este período, embora o considere impreciso e delicado seu significado. Explica que neste momento,

A produção artesanal dos impressos, graças a incorporação dos avanços técnicos, começou a ser substituída por processos de caráter industrial, marcados pela especialização e divisão do trabalho no interior da oficina gráfica e a consequente diminuição da dependência de habilidades manuais. Máquinas modernas de composição mecânica, clichês em zinco, rotativas cada vez mais velozes, enfim, um equipamento que exigia considerável inversão de capital e alterava o processo de compor e reproduzir textos e imagens passou a ser utilizado pelos diários de algumas das principais capitais brasileiras (LUCA, 2008, p. 149).

Maria de Lourdes Eleuterio, colaboradora da obra *História da Imprensa no Brasil*, confirma o avanço não só tecnológico, mas também técnico da imprensa da primeira metade do século XX,

Nesse período de transformações, a imprensa conheceu múltiplos processos de inovação tecnológica que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia –, assim como aumento das tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso [...]. A imprensa tornava-se grande empresa, otimizada pela conjuntura favorável (LUCA, 2008, p. 83).

Se o processo de produção se moderniza, evoluem também outros setores envolvidos na criação dos jornais. Tania de Luca explica que este é um período de especialização da imprensa, tanto pela evolução dos processos de produção, quanto pelo surgimento de novas profissões, dedicadas a atenderem especificamente a cada atribuição dentro dos jornais, como por exemplo, redator, ilustrador, editor, gerente, dentre outros.

Ao lado de todos estes acontecimentos (modernização do maquinário da imprensa e das profissões envolvidas no processo de produção, e, ainda, especializações temáticas) e também no início do século que ocorre a extensão da malha ferroviária no país, devido ao cultivo do café no país. Esta novidade favorece a aceleração da divulgação dos periódicos, tornando mais fácil a expansão do alcance dos periódicos que podem transitar de um local a outro de uma forma mais prática, através da utilização dos trens. Além disso, o telefone e o telégrafo auxiliam na aceleração da comunicação entre jornalistas e jornais e facilitam ainda mais a propagação veloz dos periódicos no Brasil.

Para Juarez Bahia (1967), o processo de transformação da imprensa inicia-se a partir de 1880. O autor, semelhantemente a Sodré, enfatiza que os jornais efetuam uma transição da tipografia artesanal para a indústria gráfica, e aponta que isso ocorre por meio de “quatro conquistas” – “a máquina de papel, de Louis Robert, em 1798; a prensa mecânica, de Frederico Koning, em 1812; a prensa rotativa, de Marinoni, em 1850; e a linotipo, de Mergenthaler, em 1885” (p. 47). Bahia aponta ainda a transição da imprensa baseada em sua postura política e demonstra como ela se comportou durante sua fase de consolidação em relação a episódios como a Abolição da Escravatura (1888), a Proclamação e o estabelecimento da República (1889) e posteriormente, durante a Primeira Guerra Mundial (1914). O autor explica que durante estes momentos a imprensa adquire caráter específico, sendo formada por periódicos que mostram-se a favor ou contra os acontecimentos – por exemplo, abolicionistas ou antiabolicionistas, republicanos e antirrepublicanos – e relata o surgimento de inúmeros jornais e revistas de cunho político.

A Primeira Guerra Mundial seria também um momento de relevância para a imprensa, pois com a finalidade de agilizar o processo de comunicação, buscou-se melhorar os meios que já eram utilizados.

Não se pode deixar de mencionar, no entanto, que as duas primeiras décadas do século XX concentram o surgimento e a ebulição de periódicos de cunho sindicalistas, operários e socialistas, por todo o país. Esboça-se também neste mesmo espaço de tempo a imprensa esportiva.

Na realidade, este período mostra-se propício para o surgimento de novos informativos de todos os tipos. Juarez Bahia aponta como principal acontecimento na primeira década de 1900 o aparecimento de *A Gazeta* (1906), um dos vespertinos paulistas de maior prestígio, fundado por Adolfo Araujo por julgá-lo um periódico duradouro; assinala ainda *Chácaras e Quintais*, de 1910. Já na segunda década, destaca *A Noite* (Rio de Janeiro, 1912); *Jornal do Comércio* (Recife, 1918); *O Jornal* (Rio de Janeiro, 1919) como jornais que se tornaram influentes.

No que diz respeito à Literatura, dentro desta nova perspectiva da imprensa, nota-se que esta ganha gradativamente cada vez mais espaço por meio da publicação de textos de autores consagrados e, por vezes, através do surgimento de periódicos dirigidos e executados pelos próprios escritores da época. Um exemplo disso é a revista *Kosmos* (1904-1909), considerada por muitos estudiosos o mais bem acabado empreendimento entre as revistas consideradas modernas, e que traz como colaboradores o crítico João Ribeiro, o poeta Olavo Bilac, Coelho Neto, Artur Azevedo, Paulo Barreto (João do Rio), entre outros. Merece destaque ainda, embora

tenha outro perfil estilístico, a revista *Fon-Fon*, com sua representação do modernismo da época; e a revista *Careta*, na qual se publicam poemas de Alberto Oliveira e Olavo Bilac, além de crônicas de Lima Barreto.

Um dos autores mais representativos deste momento, que confirma esta relação entre a Literatura e a imprensa é Lima Barreto, conforme escreve Maria de Lourdes Eleuterio,

Lima Barreto foi dos colaboradores mais assíduos daquela República das Letras. Contabilizam-se mais de quinhentas crônicas do autor em diversos jornais e revistas, entre eles *Careta* [...]. Lima Barreto exemplifica quão complexo foi o processo de nascente profissionalização do intelectual de letras, exercida nos impressos daqueles ‘tempos eufóricos’ (LUCA, 2008, p.93).

Colaborador assíduo de jornais e revistas da época, Lima Barreto é apenas um dos inúmeros escritores que adentram no meio jornalístico como profissionais, com direito a remuneração, mas também para serem lidos, isto é, para terem um maior contato com o público leitor. Além de Lima Barreto, merece destaque Olavo Bilac, homem das Letras de importância fundamental neste período para a propagação da Literatura em periódicos e revista. O escritor parnasiano publica diversas crônicas que retratam o cotidiano, as transformações ocorridas no período no Rio de Janeiro e demonstra entusiasmo pela perspectiva de progresso.

É possível dizer que o cenário do homem letrado nesta época difere-se bastante de momentos anteriores em que ainda não existia a possibilidade de aproximação do literato e os jornais, e estava-se a caminho para uma participação efetiva dos escritores nos periódicos. Sendo assim, o aprimoramento da imprensa gera também uma nova perspectiva para os escritores que vislumbram a possibilidade de profissionalização, ou seja, de receber um salário pelos escritos publicados, e ainda, para a Literatura, que passa a ganhar cada vez mais espaço nos periódicos brasileiros.

Durante o século XIX, quando começa a ocorrer o processo de modernização da imprensa brasileira e, portanto, o surgimento de muitos periódicos devido a uma maior facilidade em produzi-los, torna-se também praticável a associação de nomes consagrados das literaturas nacionais e estrangeiras aos periódicos de maior destaque da época. Escritores como Machado de Assis, Eça de Queiros, Ramalho Ortigão, dentre tantos outros tinham sempre seus textos publicados em seções que ora tratavam de comentários a assuntos do cotidiano, às vezes em formato de crônicas, ora traziam trechos de obras literárias, algumas vezes nos chamados folhetins de rodapé ou nas seções, fixas ou não, dos jornais. Há,

neste período, portanto, uma mudança no papel dos escritores que passam a perceber na imprensa uma forma de manterem-se na escrita, com um retorno mais amplo e rápido dos leitores e com a possibilidade de ganho financeiro. Ocorre, então, uma oportunidade que outrora jamais existira: era possível, com o trabalho na imprensa, “sustentar uma vida, mesmo que precária” (NEEDELL, 1993, p. 221). Torna-se portanto praticável exercer o ato de escrever como uma profissão.

Um dos periódicos de grande destaque e que merece ser mencionado, neste interim, pois ilustra a abertura dos periódicos aos literatos é a *Gazeta de Notícias*, que é considerada pelos estudiosos uma das grandes divulgadoras e financiadoras das letras. O periódico, dirigido por Ferreira de Araujo, no período de 1875-1900, abre grande espaço em suas páginas aos escritores nacionais e estrangeiros para a divulgação de suas respectivas obras.

Ao refletir sobre este novo cenário da Literatura em face ao Jornalismo e a relação entre escritores e as renomadas folhas da época, Jeffrey Needell resume:

“Surgiram as condições para a formação de uma verdadeira boemia, com uma vida independente da sociedade estabelecida e completamente dedicada às letras” (NEEDELL, 1993, p. 221).

É portanto este tipo de relação entre artistas e jornais que prevalecem mesmo depois do término do século XIX. No século XIX, com a melhora dos processos de produção e o surgimento cada vez mais frequente de revistas voltadas a todo tipo de assunto, seja de cunho político, literário ou mesmo variado, torna-se também cada vez mais frequente a presença dos escritores nestas páginas. Durante o século XX predominam as colaborações de Olavo Bilac, Coelho Neto, Feliz Pacheco, Felinto de Almeida, dentre outros. Com o passar do tempo, torna-se frequente também a presença de textos destes autores em publicações destinadas ao público feminino.

Nesse contexto de intensas transformações no cenário literário e da imprensa no Brasil, emerge a *Revista Feminina*. Definida por Virgínia de Souza Salles como um periódico *da mulher para a mulher* trazia consigo muito mais que a vontade de instruir a mulher, como mencionado inúmeras vezes pela diretora. O que se lê são textos de empoderamento, à medida em que se oferece à mulher o direito à Literatura.

Todavia, apesar de ter um cunho feminista muitas vezes implícito, portanto velado, esse ideal é perceptível em pitadas de falas, ora da diretora, ora em ensaios de *colaboradores* (interessa bastante o fato de a *Revista* não descartar a presença masculina nas suas páginas).

Trata-se, portanto, de um periódico de caráter intrucional, mas que não deixa de lado a presença de ilustres personalidades literárias, seja em textos originais, seja em escritos reproduzidos.

Fato é que assim como mencionado anteriormente, autores que se destacavam na época, tais quais, Coelho Neto, Olavo Bilac e – numa miscelânea total de Literaturas – Monteiro Lobato e Prescília Duarte de Almeida, vê-se na *Revista* de modo panorâmico o que se pode chamar de universo literário particular ou paralelo, em que, para além de refletir sobre movimentos e tendências das Letras, pretende-se proporcionar deleite e instrução à leitora.

REVISTA FEMININA 11

OS NOSSOS POETAS

CRIAÇÃO

*Hoje em nome das amadas de gnomos,
que é de terrível e de estivo levada;
Hoje em nome das suas fadas e de Sibilas,
As suas palavras são fadas e Sibilas...*

*E em nome das fadas e de Sibilas:
Estão a esperar das letras, a falar;
Enquanto as luzes formadas e a luzes novas;
E de fadas em outras sempre um grilo...*

*Deus é o nome de seu filho em outras:
Fada seja e a palavra de Sibilas;
E a palavra fada seja e a palavra nova;*

*Deus seja de suas fadas e Sibilas;
Deus seja e a palavra de Sibilas;
E em nome das fadas e de Sibilas;*

Olavo Bilac

Abençoada a lagryma...

*Abençoada a lagryma e a lagryma e a lagryma;
Hoje em nome das suas fadas e de Sibilas;
Hoje em nome das suas fadas e de Sibilas;
Hoje em nome das suas fadas e de Sibilas;
Hoje em nome das suas fadas e de Sibilas;
Hoje em nome das suas fadas e de Sibilas;
Hoje em nome das suas fadas e de Sibilas;
Hoje em nome das suas fadas e de Sibilas;
Hoje em nome das suas fadas e de Sibilas;
Hoje em nome das suas fadas e de Sibilas;*

Mario de Alencar



Mlle. CARMEN VOHL

A mulher e o poeta

*Leve, sutil, e aveludado como o sono,
Tua, no duplo aspecto, a fada levada,
Não tem medo a mulher em grupo aberta,
Quando ela é, talvez a mulher aberta...*

*Sutil, e aveludado, e aveludado,
Tua, no duplo aspecto, a fada levada,
Tua, no duplo aspecto, a fada levada;*

Feliz Pacheco



Mlle. SCURRA KENWORTHY

Fig. 1. As colaborações literárias na *Revista Feminina* (março de 1916, p. 11)

Em uma das notas de apresentação de novos colaboradores, pode-se ler o seguinte trecho:

Mais um nome brilhante vem hoje enriquecer nosso corpo de colaboradores que sem vanglória podemos dizer, é o mais seletivo de quantos constituem os sumários das revistas literárias brasileiras. Os maiores nomes literários do Brasil têm honrado com suas produções nossas modestas páginas, dando-lhes realce e brilho e concorrendo generosamente para o triunfo completo da missão que nos impusemos e entre eles destacam-se os de Coelho Neto, Olavo Bilac, Julia Lopes de Almeida, Garcia Redondo, Felinto de Almeida, Felix Pacheco, Affonso Arinos, da Academia Brasileira, Cláudio de Souza, Presciliana Duarte de Almeida, J.J. de Carvalho, Amadeu Amaral, da Academia Paulista de Letras, Julio Cesar da Silva, Chrysantheme, Ana Rita Malheiros, Adelina Vieira, René Thiollier, João Luso, Oscar Lopes, da Sociedade de Homens de Letras e muitos outros (*Revista Feminina*, março de 1916).

É possível notar portanto, que a *Revista* pautava-se em nomes de referência na Literatura, fato que demonstra um esforço em manter um elevado padrão literário para as senhoras brasileiras.

Se era ou não uma preocupação do periódico promulgar movimentos literários, não se pode saber ao certo. Isso porque se os textos apontam para um sentido, outras questões as derrubam. Explicando melhor, essa atmosfera de miscelânea estética existe ao confrontar-se os textos de um modo geral, fato que permite que sejam notados autores parnasianos, românticos e simbolistas, mas não há textos de crítica literária que exponham de modo explícito os ideais literários do periódico.

Um outro dado importante e que não pode ser ignorado é o fato de que as relações literárias da *Revista* ocorriam de modo facilitado, pois a família Salles era influente na capital paulista. É o irmão da fundadora do periódico – o médico e teatrólogo e membro-fundador

REVISTA FEMININA

O que os homens precisam saber

(Observações e conselhos que devem interessar a todos os brasileiros, seja qual for a sua profissão ou posição social)

Entremos numa officina norte-americana. Não indagamos de saber as variedades de artigos que ella produz. Porque todas as officinas d'aquelle immenso e maravilhoso paiz, seja qual for a sua produção, funcionam da mesma forma e obedecem á mesma disciplina.

A officina americana não é um carcere, que tolhe, entre as suas quatro paredes, a liberdade dos seus detentos; não é um quartel, que impõe a sua disciplina com mão de ferro; é, antes, um collegio, onde, ao cabo de estudos constantes e reiterados, se adquire um aprendizado util e fecundo. Esse aprendizado é o da prosperidade, e, portanto, da vida, na acceção ampla e verdadeira do vocabulo.

O edificio onde funciona a officina, é largo, commodo, arejado, ventilado, cheio de luz. N'elle se emprega tudo o que a sciencia e a hygiene crearam e inventaram para garantir a saúde do homem. Cada departamento, em directa conexão com todo o organismo directivo, goza, não obstante, de uma absoluta autonomia, sendo cada chefe, responsavel, perante o director geral, pela tarefa que lhe foi imposta. E nenhum destes chefes nem os seus subordinados poderão tomar attribuições que não lhes correspondam.

Com a mais rigorosa pontualidade, todos os dias, a certa hora, os empregados, sem excepção, estão á sua mesa de tarefa. O exemplo da pontualidade vem do chefe. O trabalho não espera o operario. O operario é que aguarda a hora para começal-o. A velha expressão o tempo é dinheiro, é mais exacta em Nova-York que em Londres.

A officina está em movimento. Os operarios já vieram do seu almoço. Cada operario marca o seu respectivo cartão no relógio da entrada, e no cartão fica assignada, de maneira indelevel, a hora, o minuto e o segundo exacto do ingresso. Todo atrazo, minuto por minuto, é implacavelmente descontado no ordenado da semana. Na America do Norte os operarios, em geral, recebem os seus ordenados semanalmente.

Mas, antes de nos occuparmos do operario, façamos uma ligeira vizita ao director da Empresa, cujo nome e circumstancias pouco nos importam. O que nos importa é saber como elle trabalha e o que pensa da sua officina. Esse director—digamol-o francamente—não é um homem de mentalidade excepcional, é igual a todos os outros. Como elle, ha mil ou mais no paiz. A sua mentalidade se bitola pela craveira commum de todos os directores.

Ouçamol-o:

— Nenhum magico impulso — diz elle — levantou os meus negocios. O segredo do meu exito em todas as tentativas que empreendi, reside no meu methodo. E' um methodo simples e directo. E' por elle que vou guiando a minha actividade. As complexidades soem crear obstaculos e resultam, porisso, inefficazes: para a boa marcha de um negocio não se requer mais que determinação e senso commum.

O mais essencial, para mim, é a conservação da minha saúde. Ella constitue um dos meus esforços. Faz parte, portanto, dos meus negocios. Necessito, imprescindivelmente, de saúde, como necessito de uma mesa e de uma cadeira para trabalhar. Por este motivo, nunca me ocorre dizer que não tenho tempo para nada, porque, para me divertir, depois de ter trabalhado, nunca me falta tempo. Disponho do tempo de que preciso. Os exercicios physicos, preferivelmente quando são executados no ar livre, renovam as minhas energias e tornam menos penosos meus esforços. Jogar o tennis, o bilhar, remar, nadar, fazer esgrima, fazer uma hora de box, não são recreios superfluos, como não o são, tambem, os recreios intellectuaes, a musica, o theatro, a poesia e o romance. Para mim é tão necessario divertir-me como tomar banho. E' preciso, antes de tudo, conservar a machina physica bem brilhante, bem lubrificada, bem preparada sempre.

O equilibrio entre o trabalho e o recreio é coisa que se impõe. Trabalhar sómente, entorpece, embota, annulla a vontade e enfraquece as energias. A abstenção do recreio e a morte das faculdades creadoras da imaginação. Eu espero mais do trabalho do homem que entusiasmamente equilibra o seu labor com as suas honestas diversões, que do homem que passa quinze ou dezeseis horas diarias, manietado ao trabalho como um calceta.

Cultivo o meu caracter. Sofreio os impetos do meu instincto. Mantenho o meu humor com equaldade, em todas as horas. Não tenho impacencias, anedades, iras, medo, inveja ou ciumes. Todos estes sentimentos provocam emoções inuteis e têm a propriedade de fazer perder as energias. Estas emoções encurtam a mocidade, sacrificam a saúde, adiantam a velhice e a morte.

Não é necessario que o individuo venha ao mundo dotado de um temperamento tranquillo, sereno e docil. Todo homem pôde, com o auxilio da vontade e do esforço, educar o seu temperamento, por mais violento e impulsivo que elle seja.

Preoccupam-me a selecção dos homens. Não me basta saber que elles são honrados. Se o são, melhor. O que eu exijo d'elles é que conheçam a sua tarefa, que sejam senhores dos seus misteres, que sejam homeas de acção. Prefiro os homeas de acção rapida aos que se escravizam a minucias.

Estou em contacto constante com todos os negocios da minha officina. Diariamente exijo informações, por escripto, aos chefes dos diversos departamentos, sem desprezar, já se vê, as consultas verbaes e os conselhos.

Sigo o criterio de collocar os meus empregados sob responsabilidade do seu chefe, fazendo cada chefe responsavel pelo que se passa em seu departamento. Que cada um saiba o que pôde produzir. Não preciso sómente de obediencias passivas.

Estimulo a todos ao trabalho. Procuero ser amigo de todos. Procuero, a cada passo, insinuar-me na amizade e sympathia dos meus empregados. Quero, tam-

Fig. 2. O artigo "O que os homens precisam saber" – *Revista Feminina*, janeiro de 1918

da Academia Paulista de Letras – Cláudio de Souza¹ – quem mais contribui o sentido de agregar colaboradores ao periódico, mantendo relações estreitas com a elite intelectual do país – artistas, escritores e membros da Academia Brasileira e da Academia Paulista de Letras.

Um fato curioso é que apesar de ter como público-alvo as leitoras brasileiras, pode-se dizer que procurava abranger à toda a família da mulher que a tinha nas mãos. Constitue-se, portanto, como ferramenta literária àqueles

que acompanhavam a leitora. Isso pode ser comprovado através dos textos destinados às crianças – e para esse fim o autor eleito era, de fato, uma das personalidades literárias da época, Monteiro Lobato – e por meio dos textos destinados aos homens, ou melhor possíveis leitores da *Revista*. Isso provavelmente deve-se ao fato de preservar em seu conteúdo grandes nomes das Letras, fato que a permitia transitar não só entre as mulheres, mas também entre a família.

REVISTA FEMININA

FABULAS EM PROSA

MONTEIRO LOBATO

As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermédio delas a moral, que não é outra coisa mais que a própria sabedoria da vida acumulada na consciência da humanidade, penetra na alma infantil, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa fada mobiliza a natureza, faz falar aos animais, às árvores, às águas e tece com esses elementos pequeninas trameiras doude resorte a "moralidade", isto é, a lição da vida. O maravilhoso é a assucar que distorce o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão. O autor desta série que começamos a publicar nada mais fez senão dar forma aos já velhas fabulões de La Fontaine e outros clássicos. Algumas são tomadas do nome "fada-lore" e todas trazem em mira contribuir para a criação da fábula brasileira, dando nestas a mesma natureza e os mesmos alicantes sempre que é isso possível.

A CIGARRA E A FORMIGA

Houve uma jovem cigarra, de côres rebrilhan-tes, que tinha por costume chinar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e, então, se u divertimento era observar as formigas operosas, na eterna faina de abastecer as tuihas de Formigopolis.

Mas o bom tempo, afinal, passou, e vieram as chuvas finas de Janeiro. Os animais todos, arrepiados, cochilavam nas tocas, á espera de que cessasse o horrível chuvisqueiro.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho secco, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com a asa a arrastar, dirigiu-se a Formigopolis. Bateu.

Surgiu uma formiga friorenta embrulhada em fichú de paina.

— Que quer você? pergunta ella, examinando a triste mendiga, suja de lama e a tossir, a tossir.

— Venho em busca de agasalho. A garça não cessa e eu...

A formiga olhou-a d'alto a baixo, franziu a testa e disse:

— E que fazia você durante o bom tempo que não construiu a sua casa?

A pobre cigarra, treme-tremendo, respondeu, depois de um acesso de tosse:

— Eu cantava, bem sabe...

— Ahn!... exclamou a formiga, recordando-se. Era você, então, quem cantava, nessa arvore secca, enquanto nós corriamos para abastecer as tuihas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquelle chido nos divertia e nos aliviava o trabalho. Diziamos sempre: Que felicidade ter como vizinha a uma tão gentil cantora!

Entrou, pois, a amiga, que aqui tem cama e mesa enquanto o mau tempo durar.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantarina dos dias de sol quente e céu azul. E durante toda a temporada chuvosa encheu o formigueiro de alegria com a vibração das suas musicas chiantes.

Mais tarde, quando o sol reapareceu e a cigarra partiu, confessaram as formiguinhas, saudosas, nunca terem passado uma estação de águas mais divertida que aquella...

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e friamente a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.



Fig. 3. Fábulas de Monteiro Lobato – *Revista Feminina*, dezembro de 1921

¹ Natural de São Roque (SP), Cláudio Justiniano de Souza (1876-1954) foi um importante acadêmico e literato brasileiro, tendo presidido a Academia Brasileira de Letras em duas ocasiões (1938 e 1946). Apesar de ter se graduado em Medicina (1897) e exercido a profissão por anos, sua inclinação para a escrita começou cedo. Ele colaborou com diversos jornais e revistas e, em 1898, publicou seu primeiro trabalho, *Os nevropatas e os degenerados*. Sua estreia

no teatro ocorreu em 1915, com a comédia *Eu arranjo tudo*. Pouco depois, apresentou *Flores de sombra*, que se tornou uma obra de grande influência no teatro brasileiro. Membro-fundador da Academia Paulista de Letras, em 1909, abandonou definitivamente a medicina em 1913, passando a dedicar-se às viagens pelo mundo e à literatura. Foi ainda o fundador e primeiro presidente do Pen Clube do Brasil.

2 A Cultura e a educação: outros dois pilares da *Revista Feminina*

Dois outros pontos-chave que perpassam e traduzem a essência da *Revista Feminina* são as questões da cultura e da educação. A leitura dos números a que se teve acesso demonstra que há, desde o seu princípio, uma preocupação com estas duas questões, procurando-se sempre manter o periódico um propagador não só de notícias cotidianas, mas também de um conteúdo que enriquecesse o repertório intelectual de seus leitores².

[A Revista] é uma leitura que se impõe, no lar, não só pelo escrúpulo e cuidado com que formamos nossas páginas literárias e recreativas, como pelas inúmeras seções de utilidade doméstica e de educação, que vamos mantendo. Nenhuma outra publicação existe entre nós que possa com maior confiança circular entre as senhoras e senhoritas; nenhuma outra existe que mais útil que seja à formação do espírito feminino, dentro das normas de educação moderna, que sem abandonar o que de bom havia na educação de nossas antigas donas de casa [...] (*Revista Feminina*, dezembro de 1916)³.

Constata-se, através do fragmento anterior, que ao lado de seções de utilidades domésticas, literárias e recreativas, havia uma preocupação com a educação, não só das senhoras que liam a *Revista* mas também das crianças. Note-se que a educação difundida na *Revista Feminina* era a “educação moderna”, mas que não abandona o que havia de bom na “educação de nossas antigas donas de casa”. Perceba-se, portanto, que apesar de se procurar deixar a mulher mais “moderna” há ainda um molde baseado nas tradições que se procura sustentar.

Quando, por exemplo, observam-se os textos sobre educação, nota-se que estão baseados nesta ideia de manter a questão familiar como tema. Geralmente há uma tendência em se manter a mulher no papel de mãe, dedicada a conduzir a carreira e o estudo dos filhos.

Precisamente não se pode demarcar o ponto em se deva educar físico, intelectual e moralmente as crianças. A princípio, quando ainda elas absolutamente não têm noção de coisa alguma, pelo estado dos sentidos nada ainda desenvolvidos, parece que a educação se impõe somente se impõe quanto ao físico, num interesse natural de conservação da espécie. Entretanto, a par do desenvolvimento material das crianças, as suas faculdades vão aparecendo segundo já o modo de vida que se lhes dá. [...]

Ser mãe não é ter o filho, mas é criá-lo. E criar é educar (*Revista Feminina*, outubro de 1917).

² Considerando-se a presença de textos destinados aos maridos, como “O que todo homem deve saber”, que poderia ser lido pelo público do sexo masculino, e ainda de contos infantis, cujo alvo poderia ser a criança, infere-se que a *Revista Feminina* tinha como intuito não só as mulheres, mas a família como um todo.

³ Grifos nossos.

Facilitar o processo de educação das crianças era, dessa forma, um dos objetivos da *Revista*.

Mas a educação feminina, aparece sempre atrelada à erudição. Na realidade, buscava-se através da veiculação de textos literários tornar a mulher culta, conhecedora de culturas e literaturas não só nacionais, mas também mundiais (Fig. 4).

3 A *Revista Feminina* e formação de leitoras: as bibliotecas

Conforme exposto, durante seus anos de permanência na imprensa brasileira, a *Revista Feminina* procurou mostrar que seus objetivos ultrapassavam sua vontade de proporcionar a “instrução” à mulher. Assim, a preocupação com a educação e leitura não se restringia à escolha dos textos e autores para integrar a publicação. Nas sedes onde se instalavam a redação do periódico, salas de exposição de cultura e de artesanato foram criadas para trazer à leitora a possibilidade de entrar em contato com as obras literárias e não-literárias, ampliando sua intimidade com a leitura.

A relação da *Revista Feminina* com a literatura era de fato muito próxima. Sobre esta questão, chama a atenção o fato de a *Revista* ter organizado bibliotecas, com coleções e muitos livros selecionados para as leitoras. Portanto, além de inserir poemas, contos, biografias e textos e seções de crítica literária, a *Revista* preparava coleções para serem compradas por suas leitoras.

Anualmente, reuniam-se em volumes com capas especiais os números publicados. A leitora do periódico poderia adquirir e organizar uma coleção de todos os números da *Revista Feminina* (Fig. 5).

Além disso, a redação da *Revista* enviava às leitoras de todo o país volumes de livros produzidos em São Paulo, funcionando como uma distribuidora de obras e, portanto, uma difusora das letras. Seu papel de incentivadora da leitura levou-a à confecção de “bibliotecas”, ou seja, coleções, prontas para serem adquiridos as leitoras da *Revista Feminina*. Em maio de 1923, em texto intitulado “As nossas iniciativas de utilidade prática: as bibliotecas da *Revista Feminina*”, colocam-se à disposição das leitoras estas coleções.

Damos hoje, às nossas leitoras e assinantes mais uma agradável e interessante notícia. No desejo de facilitar a todas as nossas assinantes a aquisição de bons livros, de livros instrutivos, morais e interessantes, que, absolutamente não devem faltar nas estantes de uma senhora que preze e cultive as letras, resolvemos a organização de bibliotecas especiais de obras ricamente encadernadas, que pela arte que contém e pela elevação moral de seus conceitos são universalmente conhecidas. Assim, tendo em vista os interesses de nossas leitoras e assinantes, já organizamos e temos

REVISTA FEMININA



Julia Farnese, estatua de Paulo III, vista de perfil.

Elogio da mulher romana

Belleza e cultura

Quis unquam vidit, nisi abierit, non Roma puellas, Quasvis Jura amandi



Julia Farnese, estatua de marmore na tumba de papa Paulo III, no igreja de São Pietro.

Quando o grande Ovidio exaltou as donzellas romanas na sua - Ars amandi -, não suspeitou sequer que, com o decorrer dos seculos, os seus conceitos poeticos pudessem applicar-se ás louras donzellas da moderna Germania. Outro poeta romano, mezes famoso, porém mais sentimental que Ovidio, o termo Catulo compoz uma elegia intitulada - A morte do passarinho de Lesbia -, que começa com este verso :

Lugete venores cupidinesque, passer mortuus est meae puellae.

Mas o poeta exalta a Lesbia com excessivo entusiasmo, e não satisfeito com dar-lhe o titulo de donzella, guiada-a mais alto e colloca-a na categoria celeste de ninphya para taconiar a sua graça e beleza.

Isto nos indêz a considerar o alto apreço em que os romanos tinham a belleza feminina, talvez por sentimento herdado dos gregos, seus mestres; e entre as damas do mundo antigo, que, por sua formosura, fulguravam em seu tempo, destacam-se na memoria de todos, os nomes de Agrippina, Popéa, Livia e Cornelia.

Comparando a epoca antiga á contemporanea, apresenta-se-nos a mulher romana mais digna de adoração que a mulher dos tempos actuaes.

Os descendentes de Romulo prezavam superiormente a dignidade das suas esposas. Choravam a sua viuvez em sentidos epitaphios, como os que se lêem nas lousas da via Appia, sombreadas de ciprestes :

*Muiculae uno contentae viso,
Reginae meae, desiderio spiritus mei,
in aeternum desideratissimae.*

Não faltavam esposos, como o de Cecilia Metrodora, que frequentavam os tumulos das que foram as suas companheiras e prorompiam em exclamações laudatorias ás suas virtudes e bondades. Mais que as mulheres romanas actuaes, as da antiguidade foram rainhas pela formosura e pela graça, pela correcção das suas linhas e pela magestade da sua attitude. As romanas de outros tempos excediam ás de hoje, por certos traços característicos da belleza feminina. Não ha pintor ou escultor moderno que, com toda a sua arte, seja capaz de estabelecer paridade entre o actual typo ethnico das romanas com os bustos e estatuas que nos legou a civilização dos Cesares.

Escoraram-se os seculos. Cahiram em ruinas os palacios e templos, derrubaram-se dynastias, desappareceram os reinos, e do esplendor do vasto e poderoso imperio, só ficaram em pé, para perpetuar-lhe a gloria, o Coliseo e a belleza da mulher romana, de quem se pode dizer que o seu poder chegou ao extremo de subjugar a vontade dos pontífices e de ter os imperadores prostrados a seus pés. O poeta Propertio disse que a mulher romana, por sua perleita e magestosa figura, era digna de ser irmã de Jupiter.

O typo actual das romanas soffreu variações provenientes do cosmopolitismo, do influxo derivado da frequencia com outras raças, frequencia essa, que, por lei natural, trouxe consigo a emigração europeia para o continente americano e a immigração dos filhos das terras transatlanticas. A aristocracia italiana, por transfusão dos enlacs matrimoniaes, recebeu sangue yanke, sem que tenha peorado com a mescla. O que aconteceu foi variar o typo classico da antiga belleza. A cor dos cabellos adquire um tom mais claro, em contraste com o castanho, proprio das margens do Tibre.

As características estheticas da mulher romana foram sempre o busto estatuario e magestoso, quadris pouco salientes, mãos seductoras, cabellos negros e espessos, olhos garços e expressivos, pés elegantemente diminutos, e voz de variadas e doces modulações. Seu caracter é, em geral, quieto, socegado, mais indolente que impulsivo. A mulher romana amava mais, que a de hoje, o seu interior domestico.

As innumeraveis obras que enriquecem as igrejas e os muséus de Roma são provas documentaes da belleza daquellas mulheres, pois as lindas *Madonas*, as imagens de santas, as figuras femininas dos altares, os retabulos, os tripticos não foram creações idealmente imaginadas pelo artista, senão copia fidelissima dos modelos vivos cujas linhas maravilhosas ficaram perpetuadas na tela e em rendas de marmore.

Mas, á parte estas bellezas annuymas, que serviram para dar expressão humana e conceito anthropico ás mais elevadas figuras do christianismo, ainda nos restam retratos authenticos de mulheres romanas cujo nome a historia salvou do esquecimento. E mais ainda que á palheta, devemos ao cinzel a conservação dos typos physiognomicos de patricias que, em vida, foram ornamento e gala da cidade eterna, e que, por sua belleza, se elevaram ás mais altas posições sociaes.

Entre as bellezas celebres da antiguidade romana, não podemos deixar de citar o nome de Popéa, cuja



Busto em marmore, de Julia, filha de imperador Tito.

Fig. 4. A cultura na Revista Feminina

à venda a primeira dessas bibliotecas, a que demos o nome de 'Biblioteca Azul'. [...] Com a criação de nossa "Biblioteca Azul" não visamos vantagens pecuniárias, queremos apenas facultar às nossas queridas leitoras uma interessante e ótima leitura, um ornamento digno de uma sala elegante, e o aperfeiçoamento do gosto pelo livro este nosso melhor e mais fiel amigo. [...] Estas nossas bibliotecas, especialmente organizadas para senhoras, moças e meninas, representam, como se vê, uma iniciativa louvável, pela primeira vez tentada em nosso país (Revista Feminina, maio de 1923).

A Revista Feminina

Os numeros desta revista relativos ao anno de 1917 já se acham nesta redação, encadernados, constituindo um grosso e elegante volume. A encadernação é em percaline, com os dizeres do lombo dourados. Vende-se cada volume a 25\$000. Como presente de anniversario para senhora ou para uma moça, é o que ha de mais fino e, sobretudo, de mais util. As pessoas que têm truncadas as suas colleções devem adquirir a edição encadernada.

Fig. 5. Os volumes encadernados da Revista Feminina – agosto de 1917

Interessante, portanto, perceber os avanços propiciados pelo desenvolvimento da imprensa no século XX. A criação de uma revista dedicada ao gosto literário feminino levou, ainda, à possibilidade de difusão das obras produzidas por todo o país. O caso das “bibliotecas” criadas pela *Revista Feminina* revela que o periódico inovou ao dedicar suas seções a esse público, mas inovou sobretudo porque por preocupar-se com a educação, dedicou-se em compor conjuntos de obras em sua redação que poderiam ser enviados e entregues às leitoras de qualquer parte do país.

A seguir, insere-se uma imagem que demonstra como funcionava a seção “Bibliothecas” da Revista (Fig. 6). Por meio dela, é possível compilar alguns dos livros que estavam disponíveis na redação da *Revista Feminina*. Dentre as obras de maior destaque, sobressaem “Dor de Amar”, que posteriormente é publicado folheteiramente na *Revista* e “a Jangada”, de autoria do irmão de Virgilina de Souza Salles, Cláudio de Souza. Note-se, ainda na imagem, que, a cada livro, subscrevem-se notas destinadas às leitoras, com as ideias essenciais de cada livro, de modo a incentivá-las a lerem cada vez mais.

REVISTA FEMININA

As nossas iniciativas de utilidade pratica

AS BIBLIOTHECAS DA “REVISTA FEMININA”

DAMOS hoje, ás nossas queridas leitoras e assignantes mais uma agradável e interessante noticia.

No desejo de facilitar a todas as nossas assignantes a aquisição de bons livros, de livros instructivos, moraes e interessantes, que, absolutamente, não devem faltar nas estantes de uma senhora que prese e cultive as letras, resolvemos a organização de bibliothecas especiaes de obras ricamente encadernadas, que pela arte que contem e pela elevação moral de seus conceitos são universalmente conhecidas.

Assim, tendo em vista os interesses de nossas leitoras e assignantes, já organisamos e temos á venda a primeira dessas bibliothecas, a que demos o nome de “Bibliotheca Azul”.

Compõe-se ella das seguintes notaveis obras:

— “Escrava ou rainha” — lindo romance, que alcançou grande successo pela sua concepção altamente moral, e pela forma em que foi vasado.

Um grosso volume nitidamente impresso.

— “Dor de Amar”, — interessante romance da vida actual. Narrativa de amor e sentimento, verdadeiramente comovclora. Um volume de impressão magnífica.

— “Nova Seiva” — um dos melhores e mais bellos livros de contos para creanças, instructivos e escriptos numa linguagem fluente.

Edição luxuosa, propria para presentes e premios.

— “Esposa do Sol” — romance de Gastão Leroux, obra splendidamente traduzida, de alto valor moral. Um bellissimo volume.

— “A Jangada” — linda comedia de Cláudio de Souza.

— “As Sensitivas” — outra esplendida comedia do mesmo autor.

— “Aventuras de uma Abelha” — livro admiravel de Waldemar Boureh que alcançou na Alemanha para mais de 400 edições, é uma obra didactica e moral de extraordinario valor. Um volume ricamente encadernado.

— “A Filha do Director do Circo” — Uma das obras mais conhecidas e estimadas da baroneza von Brakel, um grosso volume de mais de 800 paginas, splendidamente encadernado, proprio para presentes.

— “O lar” — bellissimo romance de Paulo Keller, nome conhecidissimo em sua patria — a Alemanha.

A traducção portugueza é esplendida. Um volume de luxuosa encadernação.

— “A Casa Assombrada” notavel trabalho do jesuita P. Francisco Finn que obteve um grande successo de livraria.

E’ um lindo e rico volume encadernado.

— “Josephina” — esplendido romance de Franz von Seeburg; muitissimo bem traduzido, e de interesse empolgante.

Um artistico volume encadernado luxuosamente.

— “Némesis” — romance onde se estuda, com propriedade e segurança de processos, os deslumbramentos de Monte Carlo, este celebre *casino* onde tantos dramas se tem desenrolado. Lindo volume encadernado.

— “Um Ramilhete á Virgem”, “Adaluis”, “O Terror do Rei” e finalmente um Quarto Livro de leitura adoptado em numerosas escolas do Brazil.

No intuito de facilitarmos ás nossas leitoras a aquisição desta esplendida collecção, eis as vantagens que offerecemos

1.º — A importancia de 7(\$000 que é o custo da “Bibliotheca Azul” nos será paga, 20\$000 no acto da compra e os restantes 50\$000 em prestações de 10\$000 mensaes.

2.º — A toda a pessoa que prefira pagar toda a importancia de uma só vez, faremos o desconto de 10 % sobre o total da importancia.

Como se vê, as vantagens que offerecemos ás nossas leitoras e amigas são innumeras. Terão direito a ellas, apenas as nossas assignantes, ou aquellas pessoas que ao fazerem o seu pedido, tomem a assignatura da nossa revista por um anno.

Com a criação de nossa “Bibliotheca Azul” não visamos vantagens pecuniarias, queremos apenas facultar ás nossas queridas leitoras uma interessante e optima leitura, um ornamento digno de uma sala elegante, e o aperfeicoamento do gosto pelo livro, este nosso melhor e mais fiel amigo.

Desde já recebemos pedidos de encomenda da “Bibliotheca Azul”. A toda a pessoa que nos remetter a primeira prestação de 20\$000 enviaremos, immediatamente, todos os livros de que se compõe a “Bibliotheca Azul”, perfeitamente acondicionados de forma a chegarem ao seu destino em perfeito estado de conservação.

Toda a importancia que nos for dirigida, para este fim, deve ser enviada, em carta registrada com valor declarado, vale postal, ou cheque, para a “redacção da Revista Feminina, - Rua Conselheiro Christiano n.º 1 - São Paulo.

Os pedidos desta bibliotheca devem vir acompanhados da importancia de 20\$000, e de uma carta onde o signatario declare acccitar as condições acima descriptas e a responsabilidade dos respectivos pagamento mensaes de 10\$000.

Caso no momento em que recebermos o pedido nos falte algum livro substituí-lo-emos por outro de igual valor e interesse.

Em breve, vamos organisar a segunda destas nossas bibliothecas que intitulos de “Bibliotheca Cor de Rosa”.

Estas nossas bibliothecas, especialmente organisadas para senhoras, moças e meninas, representam, como se vê, uma iniciativa louvavel, pela primeira vez tentada em nosso paiz.

Tambem por isso mesmo estamos certas de que gratas nos ficarão as nossas queridas leitoras e amigas, por quem não medimos esforços e sacrificios.

Fig. 6. Os livros indicados na Biblioteca da *Revista Feminina*

4 *Revista Feminina*: centenário e ideologias

O trabalho com periódicos literários permite e, de certa forma, incentiva a uma busca por conteúdos extra-textuais. Conforme adentra-se a cada artigo ou editorial, surgem questões a serem investigadas.

Na comemoração do centenário da *Revista Feminina*, não poder-se-ia deixar de mencionar como o periódico repercutiu em um periódico de sua época.

Há muito tempo que não nos visitou a excelente ‘Revista Feminina’ de S. Paulo, fundada pela virtuosa e muito ilustrada senhora Virgilina de Souza Salles. Devido à gentileza do seu atual diretor, o Sr. João Salles, pudemos agora apreciar seu número centésimo – honroso centenário! – desta primorosa colega paulista. Não hesitamos em reconhecê-la e proclamá-la o único órgão próprio e digno da mulher brasileira.

Enraizada por sua fundadora na base firmíssima da religião, seguindo os princípios e ditames da sã moral, tão necessários para a conservação da dignidade e do encanto da mulher, sabe revestir-se garridamente dos enfeites modernos que indispensavelmente embeleza a revista ilustrada. Batalhando nobremente pela elevação da mulher brasileira, pelo são e justo feminismo, servindo-se das melhores penas da literatura brasileira, não se esquece também de oferecer às gentis leitoras a ilustração que dignifica e a recreação que fortalece, exibindo ao mesmo tempo grande variedade de trabalhos femininos do mais puro gosto artístico e de mil aplicações úteis. Tudo que se pode exigir de uma revista moderna: útil e agradável (*Revista Feminina*, dezembro de 1922).

Apesar do fragmento acima ser extraído de uma edição de dezembro de 1922, nele é possível perceber como se dava a recepção crítica do periódico. Evocado nas páginas da *Revista*, o texto crítico escrito por F.F. para a *Revista Vozes de Petrópolis*, periódico católico de cultura, criado por Frei Ambrósio, publicado no Rio de Janeiro a partir de 1907, reúne opiniões sobre a fundadora “firmíssima da religião” e sobre o periódico “uma revista moderna: útil e agradável”.

Vale lembrar que a *Revista Vozes* trazia a colaboração de inúmeros padres de freis franciscanos, e dedicava-se à cultura e à religiosidade. Embora os elogios sejam embebedos de tendências ideológicas cristãs, não deixa de ser interessante notar as expressões usadas na recensão crítica. Assim, o número cem da *Revista* da publicação, comemorado com a expressão “honroso centenário”, recebe em tom elogioso o título de “único órgão próprio e digno da mulher brasileira”, considerando seus aspectos dentro da moral.

Como exposto, a família Salles relacionava-se com a alta sociedade paulista e carioca e tinha como parceiros ou colaboradores a elite intelectual do país. Isso incluía e facilitava que a *Revista* transitasse entre os periódicos de sua época. A seção “O que falam de nós”, presente em vários números, tratava de elucidar a repercussão sempre muito positiva do periódico. Além disso, seu caráter “dentro da moral” e dos preceitos religiosos, tornava-a facilmente um instrumento aceitável pelos clãs mais exigentes. Para não deixar dúvidas sobre sua índole, reafirmava-se constantemente os intuitos do periódico.

A nossa revista representa um gesto abnegado de altruísmo. Criá-mo-la pela necessidade premente de que se ressentia o nosso meio de uma leitura sã e moral e que, ao lado da parte recreativa e literária, colaborasse eficaz e diretamente na educação doméstica e na orientação do espírito feminino, não temos e não teremos nenhuma pretensão descabida; nosso esforço é modesto e humilde; não pretende ensinar nem reformar; o que pretende é apenas colaborar, na medida de suas forças, para a educação feminina (*Revista Feminina*, dezembro de 1918).

A frase “nosso esforço é modesto e humilde” de Virgilina e sua equipe pode ser entendida de duas maneiras: uma, é que, na verdade, o ideal da *Revista* não tinha nada de simples e pequeno, pois em suas páginas trazia uma gama variadíssima de conteúdos, o que pode ser tratado como um teor enciclopédico, comum na sua época. Dessa forma a frase seria uma grande ironia. A outra leitura que dela se pode fazer é que não havia um esforço em se promulgar conteúdos literários mais específicos, compatíveis com movimentos literários de vanguarda ou afins. Tanto um leitura quanto outra, revelam que o periódico aparentemente não pretendia ter fama ou renome. Mas, se se observa seu conteúdo e, sobretudo, suas parcerias literárias, pode-se entender que, apesar de modesta, a *Revista* consistia num verdadeiro manual literário para a mulher brasileira do século XX.

Os textos, crônicas, sonetos, contos, dentre outros eram muitos deles especificamente redigidos para a leitora brasileira. Isso permite que se possa dizer que, nas páginas da *Revista*, concentra-se uma amostra de textos de um período em que a literatura brasileira encontra-se em busca de novos ideários. Longe de mostrar conceitos estéticos, mas com uma essência específica, a *Revista* reúne sonetos inéditos de Coelho Neto e Julia Lopes de Almeida. Também reproduz poesias de Olavo Bilac e histórias infantis de Monteiro Lobato. O que interessa, sobretudo, é que cria e divulga textos voltados à mulher, o que caracteriza a literatura de suas páginas como uma verdadeira coletânea literária feminina.



Fig. 7. Capa da *Revista Feminina* de agosto de 1918: a leitora e o gosto pela leitura

Considerações finais

Muitas são as características literárias ou ideológicas que podem ser mencionadas a favor da *Revista Feminina*. Primeiramente, seu conteúdo variado e enciclopédico, o que possibilitava à mulher ampliar seus conhecimentos e torná-la mais culta; depois, pela seleção de textos literários pautados em autores de credibilidade, voltados à família; Por fim, a questão das inovações, dentre elas não se pode deixar de mencionar a criação de instrumentos como as “Bibliotecas” e seções como “Jardim Fechado”, em que as leitoras podiam dialogar entre si e mesmo com a *Revista*. Todas essas preocupações mostram que a direção

do periódico, formada por Virgínia de Souza Salles; o marido, João Salles; o irmão, Cláudio de Souza; e a filha Adelina de Souza Salles, que sume a direção do periódico após a morte da mãe pode ser considerada uma empresa familiar bastante integrada com seu público.

Somo se pode observar, a *Revista Feminina*, considerada por muitos autores a primeira verdadeira revista para a mulher, inovou e difundiu a cultura e a instrução para a mulher brasileira, com toques de feminismo e um olhar marcadamente literário.

Por toda sua contribuição ao cenário da imprensa, da Literatura e da autoria feminina, não se poderia deixar de celebrar o seu centenário.

Referências

- Corpus: *Revista Feminina* (publicação mensal). São Paulo. 1915-1930.
- ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. Criado em 2011. *Cláudio de Souza*. Disponível em: <<http://www.academia-paulistadeletras.org.br/not%C3%ADcias/509-petr%C3%B3polis-reabre-casa-de-cl%C3%A1udio-de-souza-cultura-e-lazer.html>>. Acesso em: 29 de abril de 2015.
- ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1979.
- _____. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*: 4. ed. rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Espelho da Mulher: Revista Feminina (1916-1925)*. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História da FFCL, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Imprensa Oficial, Edusp, FAPESP, 2001.
- MASCARO, Sônia de Amorim. *A Revista Feminina: imagens de mulher (1914-1930)*. Dissertação (Mestrado de Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Arte da USP, São Paulo, 1982.
- MEYER, Marlise. O romance-folhetim atravessa os mares. In: _____. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 279-318.
- NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Recebido: 30 de dezembro de 2015
 Aprovado: 25 de maio de 2016
 Contato: jujubonilha@yahoo.com.br